

REIS, Mariléia; DIAS, Almerinda Bianca Batti. A vibrante final de infinitivo na fala de crianças em fase final de aquisição da linguagem: o efeito cumulativo de natureza fonomorfofossintática sobre o fonema /r/. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. V. 4, n. 7, agosto de 2006. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].

A VIBRANTE FINAL DE INFINITIVO NA FALA DE CRIANÇAS EM FASE FINAL DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM: O EFEITO CUMULATIVO DE NATUREZA FONOMORFOSSINTÁTICA SOBRE O FONEMA /r/

Mariléia Reis¹

Almerinda Bianca Batti Dias²

marileiareis@unisul.br

bbd@unesc.net

RESUMO: Este artigo trata da descrição dos grupos de fatores lingüísticos que condicionam, em maior ou menor grau, o processo de apagamento do fonema /r/ pós-vocálico na categoria verbal de textos orais espontâneos de crianças em fase final de aquisição da linguagem, a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da sociolingüística variacionista, de Willian Labov.

PALAVRAS-CHAVE: apagamento fonema /r/; aquisição da linguagem.

INTRODUÇÃO

Tradicionalmente, o infinitivo verbal constitui o que conhecemos como forma nominal do verbo, juntamente ao gerúndio e particípio. Divide-se em pessoal (conjugável) e infinitivo impessoal (não-conjugável), por isso é considerado forma invariável do verbo: a presença da vibrante (fonema /r/) no final do infinitivo impessoal na escrita e a alternância da presença/ausência desta vibrante na fala dos brasileiros constituem foco de discussão no estudo da descrição do português do Brasil.

Em português, o infinitivo é marcado fonomorfofossintaticamente por dois traços: *tonicidade* (são vocábulos oxítonos) e *terminação em vibrante* (desinência modo-

¹ Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL.

² Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC.

temporal), e isto caracteriza o fonema /r/ como designativo de uma categoria duplamente marcada.

Como tem sido evidenciado, nos estudos descritivistas do português do Brasil voltados à variação lingüística, marcas lingüísticas redundantes sofrem apagamento na fala, como é o caso, por exemplo, do apagamento da marca redundante de número em sintagmas nominais, nos estudos de Scherre (1994; 1995); e da vibrante do infinitivo verbal, nos estudos de Votre (1978); Callou (1979); Molica (1997), dentre outros. Isto implica inferir que, para os falantes, a realização articulatória da vibrante na forma nominal de infinitivo impessoal resulta, provavelmente, em desperdício de esforço cognitivo-articulatório: logo, a opção pelo apagamento de uma das marcas cumulativas na modalidade oral da língua, pelo apagamento da marca morfossintática, em que o fonema /r/ é designativo de flexão modo-temporal, como na variante *cantá*, no lugar de *cantar*.

A descrição e análise do processo de apagamento do fonema /r/ em final de palavras verbos e não-verbos, em posição pós-vocálica em textos orais de falantes do português do Brasil, é um fenômeno que se tem tornado objeto de estudo de várias pesquisas na área da linguagem.

Este artigo tem por objetivo descrever o uso do infinitivo impessoal em textos orais espontâneos de crianças em fase final de aquisição da linguagem, a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da sociolingüística variacionista, de Willian Labov, bem como investigar os grupos de fatores (lingüísticos e extralingüísticos) que condicionam, em maior ou menor grau, o processo de apagamento do fonema /r/ pós-vocálico na categoria verbal.

A proposta descreve um experimento longitudinal (cerca de 19 meses de gravação). Metodologicamente, as investigações em aquisição da linguagem são estudos longitudinais, porque acompanham o processo de aquisição da linguagem por seus informantes ao longo do tempo – possibilitando, assim, o acompanhamento da variação lingüística durante a aquisição e os aspectos lingüísticos que possam estar influenciando o apagamento desse fonema.

1. LITERATURA NA ÁREA: APAGAMENTO DO FONEMA /r/ NO FINAL DE PALAVRAS

Segundo Oliveira (1981), o fenômeno do apagamento do fonema /r/ pode ser observado historicamente e ocorreu em alguns idiomas: no francês, desapareceu quase todo /r/ em final de palavra, permanecendo somente em monossílabos (como *noir*, *air*); no Sul da Espanha, o /r/ desapareceu em algumas palavras como *ayer*, *caer*, em algumas regiões de Sevilha, Córdoba, Huelva, Cadiz e Málaga; na mudança do latim vulgar para o português, também houve a perda do fonema /r/ em algumas situações: *persona* para *pessoa*, por exemplo. Talvez esse fenômeno seja característica de algumas das línguas românicas. No Brasil, tem sido objeto de investigação, como veremos a seguir.

Votre (1978). Este autor parte do princípio de que o processo de apagamento seja um fenômeno de variação que tenha iniciado com os verbos no infinitivo. Utilizou para sua pesquisa um *corpus* formado por informantes mobralsenses cariocas (adultos semi-analfabetos) e universitários, para estudar a função mórfica e o contexto fonológico seguinte, controlando as variáveis sexo, idade e escolaridade.

Observou que o controle dessas variáveis sociais se mostrou inexpressivo em relação aos resultados obtidos. Com relação à variável lingüística *contexto fonológico seguinte*, esperava que propiciasse a reorganização da estrutura silábica, mas não houve nenhum efeito aparente favorecedor ou inibidor à retenção do /r/, porque as vogais desfavoreceram a retenção deste fonema, as consoantes mostraram um efeito desfavorecedor muito fraco enquanto que a pausa seguinte favoreceu a retenção do /r/. Além desse grupo de fatores lingüístico, foi controlada a variável *dimensão do vocábulo*: os resultados foram muito parecidos (monossílabo 54, dissílabo 48, trissílabo 49 e polissílabo 49), sendo que o esperado por Votre era que o monossílabo favorecesse a preservação do /r/. O equívoco da análise de Votre foi devido a sua pesquisa ter sido efetuada sem distinção entre as classes verbais e nominais, prejudicando assim a análise dos resultados, principalmente no grupo de fatores dimensão do vocábulo.

Callou (1979). Adotou uma perspectiva metodológica diferente: ao descrever a fala urbana culta do Rio de Janeiro, usou um *corpus* composto de 55 informantes, totalizando 36 horas de gravação de fala espontânea, realizadas durante os anos de 1972 a 1978, do banco de dados do projeto NURC (Norma Urbana Culta) para o projeto de Estudo da Norma Lingüística Culta do Rio de Janeiro. Na análise dos dados, usou o programa VARBRUL 2 para os cálculos das probabilidades. O objetivo do estudo era verificar o apagamento do /r/ na pronúncia carioca, controlando as variáveis

independentes sociais: além de sexo e idade, incluiu, também, a zona geográfica de residência dos falantes (Zona Sul, Zona Norte e Zona Suburbana). Esses falantes eram filhos de pais cariocas, com 1º, 2º e 3º graus feitos na cidade do Rio de Janeiro, eram maiores de 25 anos e residiam no mínimo ¾ partes de suas vidas numa das três regiões mencionadas acima.

Esta pesquisadora confirma que as variáveis sociais não mostraram influência sobre a distribuição das variantes, no entanto, sua pesquisa revelou a tendência geral de o apagamento do fonema /r/ ser liderado pelas mulheres e que a faixa etária dos 51 a 70 anos mostrou-se mais conservadora a essa inovação, conforme dados da tabela 1.

Faixa Etária	Aplicação	Total	%
25 a 35	473	675	70,07
36 a 50	478	712	67,13
51 a 70	464	741	62,63
Total	1415	2128	66,49

Tabela 1: Cancelamento do fonema /r/ conforme o grupo de fatores faixa etária dos informantes cariocas (NURC). Fonte: Callou (1979, p. 146)

De acordo com os índices da tabela 2, quanto aos fatores de natureza lingüística, esta autora confirma que, quanto menor a dimensão do vocábulo, maior a inibição à aplicação da regra de apagamento.

Dimensão do vocábulo	Aplicação	Total	%
Monossílabos	151	337	44,81
Dissílabos	683	1001	68,23
Trissílabos	581	790	75,54
Total	1415	2128	66,49

Tabela 2: Cancelamento do fonema /r/ segundo o grupo de fatores *número de sílabas* (NURC). Fonte: Callou (1979, p. 147)

Callou (1979) trouxe uma informação nova, que trata da “[...] pouca diferença quanto à classe social estudada – norma culta – com relação às classes de nível baixo e médio estudadas por Votre e Oliveira, respectivamente.” (MATOS LIMA, 1992, p. 15).

Matos Lima (1992). Um outro estudo é o de Matos Lima (1992), que tinha como objetivo descrever a interação das variáveis extralingüísticas e lingüísticas em relação ao apagamento do fonema /r/, bem como seus fatores estruturais e não-estruturais. Para

seu estudo, a autora utilizou a metodologia variacionista³ e difusionista⁴. Sua pesquisa foi efetuada em tempo aparente⁵ e em tempo real⁶, pretendendo, assim, preencher algumas lacunas deixadas por outros estudiosos desse fenômeno.

Matos Lima estudou dois *corpora* distintos: o primeiro em tempo aparente, com 64 entrevistas integrantes da amostra Censo da Variação Lingüística no Rio de Janeiro, em que foram ouvidos os 15 primeiros e os 15 últimos minutos de cada entrevista, cedida pelo Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL), num total de 32 horas de fala; para o segundo *corpus*, em tempo real, foram recontactados e entrevistados, em 1988, 11 dos 64 informantes gravados em 1982, tendo então duas entrevistas para cada um dos onze informantes. Matos Lima (1992) afirma que o apagamento do fonema /r/ pós-vocálico iniciou, provavelmente, pelas formas verbais, já que as formas nominais (adjetivos e substantivos) são mais resistentes à inovação, conforme demonstram dados da tabela 3.

Configuração Morfológica	Aplicação	Total	%
Infinitivo	7613	7842	97,00
Futuro do Subjuntivo	212	224	95,00
Substantivo	881	1172	75,00
Adjetivo	387	513	75,00
Outros	9	18	50
Total	9102	9769	93,17

Tabela 3: Cancelamento de /r/: configuração morfológica, análise em tempo aparente. Amostra Censo 1982. Fonte: Matos Lima (1992, p. 37)

A pesquisadora observou também que esse fenômeno independe da variável escolarização, na tabela 4, em que a investigadora demonstrou dados do primeiro estado

³ Conforme Mollica (1992), o precursor da pesquisa variacionista é o lingüista William Labov, a qual consiste na descrição da língua em uso por meio de observações sistemáticas registradas com rigor metodológico, a fim de correlacionar fatores lingüísticos e extralingüísticos condicionadores ao emprego das variantes em estudo.

⁴ O método da difusão lexical busca provar que parâmetros lexicais atuam em variação e mudança lingüística. Este modelo propõe que as mudanças sonoras são foneticamente abruptas e lexicalmente graduais a fim de explicarem as “irregularidades” da mudança fonológica por meio de recursos que não sejam a analogia ou empréstimos lingüísticos, conforme foi aplicado no trabalho de Matos Lima (1992).

⁵ Conforme Labov (1972), uma pesquisa em tempo aparente se refere à análise de dados divididos em faixas etárias diferentes, com o objetivo de verificar em qual idade está mais evidente o fenômeno em estudo, porque se a variável inovadora for mais freqüente nos informantes jovens, maior será a probabilidade de haver uma mudança.

⁶ Na pesquisa em tempo real, compara-se o comportamento dos mesmos itens do léxico e das variáveis que atuam na mudança em dois estados de tempo diferentes, ou seja, no passado e no presente, a fim de constatar uma possível mudança, conforme Labov (1972).

de tempo, os percentuais são muito próximos e na tabela 5, com dados do segundo estado de tempo, observamos que o apagamento do /r/ em final de nomes foi categórico.

Escolaridade	Aplicação	Total	%
Primário	25	28	89,00
Ginásio	27	31	87,00
2º. grau	21	23	91,00
Total	73	82	89,02

Tabela 4: Cancelamento de /r/ final em nomes: fator escolaridade, análise em tempo real (primeiro estado de tempo). Censo 1982. Fonte: Matos Lima (1992, p. 50)

Escolaridade	Aplicação	Total	%
Primário	16	16	100,00
Ginásio	8	8	100,00
2º. grau	12	12	100,00
Universitário	5	5	100,00
Total	41	41	100,00

Tabela 5: Cancelamento de /r/ final em nomes: fator escolaridade, análise em tempo real (segundo estado de tempo). Censo 1988. Fonte: Matos Lima (1992, p. 51)

A autora também analisou o fator escolaridade relativamente aos verbos, nos dois momentos de coleta de dados. Mesmo depois de 6 anos, o grupo de fatores *escolaridade*, em verbos (conforme tabelas 6 e 7, a seguir), comportou-se da mesma maneira que os nomes, conforme ilustram as tabelas 4 e 5. Sua conclusão foi de que o cancelamento do fonema /r/ é generalizado e encontra-se em um estágio avançado de implementação⁷.

Escolaridade	Aplicação	Total	%
Primário	107	109	98,00
Ginásio	163	167	98,00
2º. grau	147	152	97,00
Total	417	428	97,43

Tabela 6: Cancelamento de /r/ final em verbos: fator escolaridade, análise em tempo real (primeiro estado de tempo). Censo 1988. Fonte: Matos Lima (1992, p. 54)

⁷ É o princípio de mudança, ou seja, a mudança de um estado da língua para outro.

Escolaridade	Aplicação	Total	%
Primário	42	43	98,00
Ginásio	106	106	100,00
2º. grau	64	64	100,00
Universitário	28	28	100,00
Total	240	241	99,58

Tabela 7: Cancelamento de /r/ final em verbos: fator escolaridade, análise em tempo real (segundo estado de tempo). Censo 1988. Fonte: Matos Lima (1992, p. 56)

Matos Lima (1992) também controlou o grupo de fatores faixa etária, o qual ela dividiu em: jovens, meia idade e velhos. Conforme tabelas 8 e 9, abaixo, a idade não foi propiciadora de maior ou menor índice de apagamento do /r/.

Escolaridade	Aplicação	Total	%
Jovens	136	136	100,00
Meia idade	65	67	97,00
Velhos	219	225	97,00
Total	420	428	98,13

Tabela 8: Cancelamento de /r/ final em verbos: fator faixa etária, análise em tempo real (segundo estado de tempo). Censo 1982. Fonte: Matos Lima (1992, p. 54)

Escolaridade	Aplicação	Total	%
Jovens	97	98	99,00
Meia idade	87	87	100,00
Velhos	56	56	100,00
Total	240	241	99,58

Tabela 9: Cancelamento de /r/ final em verbos: fator faixa etária, análise em tempo real (segundo estado de tempo). Censo 1988. Fonte: Matos Lima (1992, p. 54)

Mollica (1997). No artigo “Aquisição de padrões fonológicos variáveis”, Mollica (1997) dedicou-se à relação entre variação, mudança e aquisição de regras variáveis afetadas pelo subsistema fonológico de língua materna. Dentre essas regras variáveis, a autora incluiu também a do apagamento do /r/ pós-vocálico na modalidade vernacular semi-espontânea, falada entre informantes indígenas que tinham como segunda língua o português, aprendido por índios egressos de famílias lingüísticas diferentes, localizadas na região do Alto Xingu Meridional.

Os dados da pesquisa de Mollica (1997) demonstraram que o fenômeno da queda do /r/ em posição final do vocábulo não sofre grande grau de estigmatização. Além disso, os dados sugeriram uma mudança lingüística em processo, iniciada pelas

formas verbais infinitivas e pelos vocábulos terminados em ‘-ar’. Com base neste estudo e em estudos anteriores, a autora constatou que esse fenômeno atinge tanto a aquisição do português como língua materna - ao se tratar de falantes nativos - quanto a aquisição do português como segunda língua, por falantes indígenas. A autora afirmou que os índios, ao iniciarem seu processo aquisitivo de segunda língua, já aprendem o vocábulo sem o fonema /r/ final, reafirmando sua hipótese de que os falantes copiam os modelos a que são expostos, já que nos falantes nativos do português a pronúncia do /r/ é inexpressiva, se não ausente.

Monaretto (2000). Na mesma perspectiva de estudos que Mollica, só que não abordando mais o português como segunda língua, vamos apresentar a proposta de Monaretto (2000). A sua pesquisa quantitativa, também sob a perspectiva da sociolinguística de Labov (1966) e de Sankoff (1988) e com informantes do banco de dados VARSUL, mostrou que o apagamento do fonema /r/ pós-vocálico no final de sílaba tem maior incidência nos vocábulos da categoria verbal. Segundo ela, no português brasileiro, esse fenômeno vem sendo observado há algum tempo, sobretudo em peças teatrais e nas gramáticas, sendo que estas o apontam como uma variante estigmatizada. Portanto, são duas perspectivas, ou seja, os falantes não estigmatizam o apagamento do /r/, mas as gramáticas prescritivas o fazem.

Em sua pesquisa, Monaretto utilizou uma amostra com 36 entrevistas, distribuídas por: localidade (12 informantes para cada uma das capitais: Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba); sexo (18 homens e 18 mulheres); escolaridade (18 informantes com 1º. grau e 18 com 2º. grau) e idade (36 informantes distribuídos em três faixas etárias).

Monaretto optou por separar a análise das classes verbais das não-verbais para verificar se poderia haver condicionamentos diferentes. Os resultados da pesquisa, conforme tabela 10, abaixo, revelaram que a maior queda do /r/ ocorre em infinitivos (81%). A pesquisadora verificou que o apagamento do fonema /r/ é quase que categórico em final do vocábulo (com índice próximo dos 70%).

Classe Morfológica	Aplicação	Total	%
Verbos (fazer, marcar)	2223	2766	81,00
Não-verbos (açúcar, pior)	108	1998	5,00
Palavras funcionais (porque)	166	838	20,00
Total	2497	5602	44,57

Tabela 10: Apagamento da vibrante pós-vocálica, segundo a *classe morfológica*. Fonte: Monaretto (2000, p. 279)

A investigação mostrou, também, que o apagamento está sendo mais freqüente nos informantes jovens, confirmando, portanto, a hipótese de que há o processo de mudança em progresso, com a cidade de Florianópolis apresentando maior freqüência de apagamento do /r/, estando, assim, num estágio mais avançado de enfraquecimento do respectivo fonema. Monaretto (2000, p. 280)

[...] a queda do /r/ é mais freqüente nos jovens, decaindo ao passar pelas duas outras faixas de informantes mais velhos, ou seja, evidencia-se um processo de mudança em progresso; há mais apagamento do /r/ em Florianópolis do que nas outras cidades, evidenciando o estágio final do processo de enfraquecimento que a vibrante vem sofrendo nessa região [...].”

Oliveira (1981). Optou por controlar os grupos de fatores separados nas classes de palavras, ou seja, ele considerou na análise os nomes e os verbos separadamente, a fim de verificar a contribuição das diversas variáveis independentes (dimensão, contexto seguinte, vogal precedente, tonicidade, etc).

Com relação ao grupo de fatores *ambiente seguinte* nos vocábulos nominais, Oliveira (1981) constatou que as variáveis que favorecem o cancelamento do /r/ são as obstruintes sonoras (/b/, /d/, /g/, /v/, /z/, /m/, /n/, /j/), a lateral /l/ e as vogais, enquanto o apagamento do /r/ é desfavorecido pelas nasais, obstruintes surdas (/p/, /t/, /k/, /f/, /s/) e pausa.

O grupo de fatores *dimensão do vocábulo* mostrou-se relevante ao cancelamento do /r/, porque os nomes monossílabos desfavoreceram a perda do /r/, conforme Oliveria (1981, p. 35) “O que desfavorece fortemente o cancelamento do /r/ final nos nominais é o fato de ele ser monossílabo.[...] Além disso, juntando-se os dissílabos e os polissílabos, não se encontrou nenhuma diferença significativa [...]”.

Na análise efetuada com os verbos, os grupos de fatores *ambiente seguinte* (consoante, vogal e pausa), *vogal precedente*, *número de sílabas* e *subclasse de formas verbais* foram praticamente categóricas com a aplicação do apagamento do fonema /r/.

“[...] na maioria das vezes o /r/ está ausente, o que dá a impressão de uma situação mais semi-categórica do que variável. No que diz respeito às percentagens, não se pode dizer que nenhum fator favoreça mais que outro, de modo significativo, a ausência do (r). Na verdade, todos parecem favorecer esta ausência.” (OLIVEIRA, 1981, p. 42)

1.1. O QUE A LITERATURA NÃO MOSTROU SOBRE OS ESTUDO DO FENÔMENO EM QUESTÃO

Do que nós temos conhecimento sobre o fenômeno em questão, não há pesquisa com informantes no período final de aquisição da linguagem, ou seja, com crianças na faixa etária de 2 a 7 anos. Em crianças, somente Matos Lima (1992) contou com informantes com idade a partir de sete anos.

Portanto, a escolha por textos orais de informantes em fase final da aquisição da linguagem oral deu-se pelo fato de, na literatura, haver estudos do apagamento do fonema /r/ em textos orais com falantes de outras faixas etárias, apenas: adultos mobralsenses - falantes semi-analfabetos – e universitários (VOTRE, 1978); adultos maiores de 25 anos com 3º. grau (CALLOU, 1979); textos orais com informantes de 7 a 14 anos, de 15 a 25 anos, de 26 a 49 anos e acima de 50 anos, distribuídos da 1ª. a 4ª. séries (antigo primário), de 5ª. a 8ª. séries (antigo ginásio) e de 2º. grau (MATOS LIMA, 1992); aquisição de segunda língua por índios do Alto Xingu Meridional (MOLLICA, 1997); informantes maiores de 25 anos com primeiro e segundo graus (MONARETTO, 2000) em textos orais. Tais dados justificam, portanto, a realização do presente estudo.

A opção por informantes em fase final de aquisição da linguagem oral deu-se, então, para cobrir esta faixa etária. Especificamente, pelo fato de (nesta fase) eles já terem adquirido a linguagem, ou seja, já estarem em processo final de aquisição, o que evita equívocos na análise, uma vez que as crianças quando iniciam a aquisição da fala têm dificuldades de articular determinados fonemas, podendo a aquisição do fonema /r/ ser um deles. Além disso, se uma variante predomina nos falantes de pouca idade, isso mostra que pode haver uma mudança a caminho. Faraco (1998, p. 117) afirma que “[...] a predominância duma variante entre os mais jovens e sua pouca ocorrência entre os mais velhos pode estar indicando uma mudança em progresso, isto é, que uma das variantes está sendo abandonada em favor de outra”.

2. METODOLOGIA

A amostra desta pesquisa foi constituída por um estudo longitudinal, que ocorreu durante 19 meses de observação e coleta de dados de informantes em fase final de

aquisição da linguagem. Segundo Scarpa (2001, p. 204) estudo longitudinal é aquele “[...] que acompanha o desenvolvimento da linguagem de uma criança ao longo do tempo”. A amostra foi obtida por meio de entrevistas e interações com os dois informantes: um do sexo masculino, com idade de 4 anos e 4 meses (início da coleta de dados) a 5 anos e 9 meses (final da coleta); e o outro, do sexo feminino, com idade de 2 anos e 4 meses (início da coleta de dados) e 3 anos e 9 meses (final da coleta). Ambos freqüentavam a pré-escola, são naturais do município de Criciúma (SC), e têm pais com nível superior completo.

A coleta da amostra teve início em maio de 2001 e foi finalizada em novembro de 2002. Obedeceu aos pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística de Labov, no que se refere ao quesito espontaneidade da fala. Vale salientar que uma das pesquisadoras é mãe dos dois informantes.

A amostra de dados em textos orais de fala foi coletada em 37 entrevistas, totalizando 1.171 dados, sendo 610 ocorrências do informante 1 e 561 do informante 2, conforme quadro 1, abaixo:

Informante 1	Informante 2
Total	Total
610	561
Total geral da amostra: 1171 dados	

Quadro 1: Número de vocábulos com fonema /r/ analisados em textos orais de crianças de 2 anos e 4 meses a 5 anos e 9 meses. Fonte: Reis e Dias (2002)

3. RESULTADOS

Os resultados alcançados na presente pesquisa demonstraram praticamente categórica a aplicação da regra de apagamento do fonema /r/ do infinitivo, à semelhança dos resultados obtidos por Monaretto (99,2%) e Matos Lima (97,0%). Uma vez que se firme este apagamento na fala de informantes crianças, fica evidenciada a possibilidade de uma possível mudança na articulação oral do respectivo fonema na categoria verbo.

Comparamos também alguns dos nossos resultados, com relação à categoria verbo, tabela 11, com os dados das pesquisas de Matos Lima, Oliveira e Monaretto.

Categoria	Grupos de fatores	Fatores	Matos Lima	Oliveira	Monaretto	Reis e Dias (crianças)
Verbos	Contexto Lingüístico Seguinte	Vogal		98,0		98,5
		Consoante		94,4		99,3
		Pausa		91,0		99,7
	Dimensão Do Vocábulo	Monossílabo	92,0	95,0		98,9
		Dissílabo				99,5
		Polissílabo				98,2
	Modo Verbal	Ind/ Infinitivo	99,0	96,0		100,0
		Subjuntivo	98,0			99,1
	Sexo	Feminino	97,0			100,0
		Masculino	97,0			99,2
		Jovens	98,0			99,6
	Idade	Meia idade	100,0		+ freqüente	
		Velhos	97,0		- freqüente	
			97,0		- freqüente	

Tabela 11: Comparação dos resultados obtidos em percentuais na aplicação da regra de apagamento do fonema /r/ na categoria verbo. Fontes: Matos Lima (1992); Oliveira (1991); Monaretto (2000) e Reis e Dias (2002)

Os índices da amostra desta pesquisa mostram-se semelhantes aos de Oliveira (1981) com relação ao grupo de fatores *contexto lingüístico seguinte*. Também os resultados de Oliveira (1981) e Matos Lima (1992) com relação aos *monossílabos* são confirmados. Referente ao *modo verbal* estudado por Matos Lima (1992), há também equivalência entre os resultados obtidos na nossa pesquisa, conforme tabela 11, acima.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, buscou-se descrever e analisar o uso variável do apagamento do fonema /r/ em final de palavras verbais em textos orais produzidos por informantes em fase final da aquisição da linguagem, seguindo a Teoria da Variação Lingüística e partindo do princípio de que há fatores (na grande maioria, de natureza lingüística) agindo no processo de mudança na articulação oral do fonema /r/, por falantes do português do Brasil.

As variáveis lingüísticas controladas nesta pesquisa foram: *categoria gramatical, contexto lingüístico precedente, contexto lingüístico seguinte, terminação da palavra, dimensão do vocábulo, acento lexical, subclasse do substantivo,*

classificação do modo verbal e da formação verbo (simples e perifrástica); as extralingüísticas foram *sexo, idade e escolaridade*, sendo que estas últimas não se mostraram significativas no grupo.

Com relação às variáveis lingüísticas controladas, todas mostraram propiciar o apagamento do fonema /r/. Portanto, os resultados corroboraram os dos trabalhos de Oliveira (1981), Matos Lima (1992), Monaretto (2000), Votre (1978), Callou (1979) e Mollica (1997), nos quais os autores afirmam que o apagamento do respectivo fonema avança no tempo, em específico no infinitivo impessoal⁸, porque o apagamento foi praticamente categórico. Além disso, os textos analisados foram proferidos por informantes infantis, o que evidencia que a mudança lingüística em favor do apagamento do fonema /r/ no infinitivo impessoal está se firmando na oralidade do português do Brasil (na modalidade escrita, ele é fortemente preservado).

Os resultados (da presente pesquisa e demais autores citados) demonstraram que o efeito cumulativo (fono e morfossintático) que recai sobre o fonema /r/ está deixando de o ser, na modalidade oral da língua: com o apagamento da vibrante, o infinitivo impessoal do português oral do Brasil está se firmando apenas por um traço, o da tonicidade (*oxítonos*, no contexto radical + vogal temática do verbo).

Para finalizar, gostaríamos de ressaltar que os objetivos desta pesquisa foram contribuir, primeiramente, com uma descrição analítica do fenômeno de apagamento do fonema /r/ no português do Brasil. Reconhecemos, entretanto, a limitação do *corpus*, especificamente, em relação ao número pequeno de crianças contatadas. Em segundo, que se trata de pesquisa de aplicação pedagógica, já que acreditamos estar contribuindo para que haja por parte da escola melhoria na qualificação do corpo docente em relação a fenômenos lingüísticos em variação. E, por extensão, amenizar os preconceitos (valorativo-sociais, principalmente) para quem fala diferente da norma-padrão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALKMIN, Tânia. Sociolingüística. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). *Introdução à lingüística- domínios e fronteiras*. v.1. São Paulo: Cortez, 2001.

⁸ Observar que a primeira e a terceira pessoas do singular do infinitivo pessoal e do futuro do subjuntivo também são grafadas como o infinitivo impessoal.

2. BISOL, Leda (org.). A variação no sistema. In: *Letras de Hoje*. Porto Alegre: PUC-RS, 2000.
3. CALLOU, D.I. *Estudo sobre a vibrante no português vernacular do Rio de Janeiro*. Tese de doutorado, Faculdade de Letras. UFRJ, 1979.
4. CALLOU D. I.; LEITE, Yonne. *Iniciação à Fonética e à Fonologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 1990.
5. FARACO, Carlos Alberto. **Linguística Histórica**. Ática, 1998.
6. LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
7. MATOS LIMA, Joana D'Arc. *Difusão lexical na vibrante final*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras. UFRJ, 1992.
8. MOLLICA, Maria Cecília. (org.). *Introdução à Sociolinguística Variacionista*. Rio de Janeiro: FRJ, 1992.
9. MOLLICA, Maria Cecília. Aquisição de padrões fonológicos variáveis. RONCARATI, Cláudia; MOLLICA, Maria Cecilia. (orgs). In: *Variação e Aquisição*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.
10. MONARETTO, Valéria N. de Oliveira. O Apagamento da Vibrante Posvocálica nas Capitais do Sul do Brasil: *Revista Letras de Hoje*, Porto Alegre, v.35, n.1, p.275-284, mar.2000.
11. OLIVEIRA, Marcos Antônio de. Reanálise de um problema de variação. *Série estudos Fiube: português: estudos lingüísticos*, Uberaba, MG, n. 7, p. 23-51, 1981.
12. SCARPA, Éster Mirian. Aquisição da linguagem. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). *Introdução à lingüística- domínios e fronteiras*. v.1. São Paulo: Cortez, 2001.
13. SHERRE, Maria Marta Pereira. Aspectos da concordância de número no português do Brasil. *Revista Internacional de Língua Portuguesa*. RILP. 12:37-49, 1994.
14. _____. *A concordância de número na escrita padrão*. Rio e Janeiro/Brasília: UFRJ/UnB, Fac. De Letras?Instituto de Letras, inédito, 1995.
15. VOTRE, Sebastião J. *Aspectos da variação fonológica na fala do Rio de Janeiro*. Tese de doutorado, Faculdade de Letras. PUC – Rio, 1978.

RESUMO: Este artigo trata da descrição dos grupos de fatores lingüísticos que condicionam, em maior ou menor grau, o processo de apagamento do fonema /r/ pós-vocálico na categoria verbal de textos orais espontâneos de crianças em fase final de aquisição da linguagem, a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da sociolingüística variacionista, de Willian Labov.

PALAVRAS-CHAVE: apagamento fonema /r/; aquisição da linguagem.

ABSTRACT: This article focus on the description of linguistic factor groups which rule, in a greater or minor extend, the deletion of the phoneme /r/ after vowels in the verbal categories of children's spontaneous oral texts in the final phase of the language acquisition process, based on theoretical assumptions of William Labov's sociolinguistic variation.

KEYWORDS: deletion of the phoneme /r/; language acquisition.